

DO LIVRO AO LIVRO DE ARTISTA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

JORDAN ÁVILA MARTINS¹; LÚCIA BERGAMASCHI COSTA WEYMAR²

¹*Universidade Federal de Pelotas – jordanavilamartins@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - luciaweymar@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar alguns dados acerca da categoria artística denominada livro de artista. Conceitualmente, consideram-se livros de artista aquelas obras cujo suporte físico ou de inspiração remete para a forma física de um livro, ou cuja utilização implica uma aproximação à utilização de um livro.

Os resultados iniciais apresentados neste texto, no entanto, fazem parte de uma pesquisa maior desenvolvida por um mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (PPGAV-UFPel). Esta pesquisa, por sua vez, tem por objetivo investigar a produção e os processos criativos que envolvem a execução de uma coleção de livros de artista de modo a refletir a proposição de experiências estéticas no cotidiano a partir de crônicas narrativas vivenciadas pelo pesquisador/artista, e a forma como essas serão tratadas pela linguagem visual.

Sabemos que o livro, como uma produção de design, exige uma série de preocupações pertinentes ao projeto gráfico que o envolve desde elementos estruturais, insumos materiais, processos de produção, distribuição até fatores ergonômicos. Porém, o que poderia acontecer quando o design e a arte aliam-se e designers e/ou artistas resolvem quebrar essa lógica de projeto criando um novo produto para o formato livro? Buscamos, com este texto, refletir acerca deste objeto concebido na junção entre as duas áreas, realizando algumas aproximações que possibilitem definições para responder não somente tal pergunta, mas, também outras que porventura possam surgir ao longo desta pesquisa.

2. METODOLOGIA

A atual pesquisa encontra-se em sua etapa exploratória e pretende desenvolver, esclarecer e modificar aqueles conceitos e ideias iniciais, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos, ou de hipóteses pesquisáveis, para estudo posterior (GIL, 1991).

Por tratar-se de uma pesquisa embrionária o procedimento metodológico desenvolvido até agora tem sido o de realizar um levantamento de conceitos teóricos a partir de pesquisa bibliográfica, bem como a busca por designers e artistas que possuam trabalhos relevantes como referências ao desenvolvimento desta investigação. De tal modo, intentamos identificar autores, artistas e designers que tratem de questões como experiência estética, cotidiano, crônicas narrativas e livros de artista. É, também, de fundamental importância identificar estudos acerca de processos criativos que auxiliem teoricamente a produção de livros de artista.

Utilizamos, como principal referência, o livro “A Página Violada - Da Ternura À Injúria na Construção do Livro de Artista”, do autor Paulo Silveira (2011). A obra examina a instauração da categoria livro de artista a partir dos trabalhos de

alguns de seus principais pesquisadores e da análise de obras de designers e artistas nacionais e internacionais. São apresentadas cerca de duzentas obras através de mais de seiscentas imagens, incluindo eventos e documentos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro desperta o interesse de todas as camadas sociais e é um instrumento utilizado para contestar, declarar amores, sofrimentos, descobertas, etc. Dessa forma, ao analisar a história e o desenvolvimento da escrita e do conhecimento da humanidade, é possível afirmar que o livro é o suporte natural da literatura, ou seja, é o portador de todo o nosso conhecimento, guarda o registro de nosso comportamento e nossos afetos, é o portador das leis e responsável pela divulgação da fé na mensagem divina (SILVEIRA, 2001). Falar de livros parece fácil. Mas a pesquisa nos leva a perceber quantos filósofos, sociólogos, antropólogos e literatos escrevem, descrevem e buscam definições e conceitos ao redor dos livros.

Poderíamos começar por delinear a história do livro. Séculos de história precedidos pela própria história da escrita, passível de rumos diversos, como a difusão cultural, as evoluções da escrita, da leitura, de seus materiais, técnicas de impressão e acabamento.

Outro rumo seria o papel do livro: difusão do conhecimento, da cultura, da arte, entretenimento, registro histórico, técnico, estético. Ou então poderíamos esmiuçar o conteúdo do livro, seus estilos, classificações e outras questões ligadas à literatura. Ainda nos é possível ver o livro como objeto: estruturas, suportes, fabricação. Ou discorrer sobre o futuro do livro impresso ou dos novos livros digitais.

Não acreditamos ser necessário, neste momento, um registro tão completo. A princípio foi importante refletir sobre esses contextos diversos nos quais o livro é protagonista, mas registramos apenas os conceitos mais relevantes a este estudo, restringindo-nos ao formato livro de artista (primeiramente, dentro de aspectos históricos; depois, abordando o conteúdo dos livros).

As histórias do livro e do Design Gráfico coincidem em muitos momentos. O livro em sua concepção industrial, configurada gradativamente a partir da invenção das técnicas tipográficas, sempre contou, por parte dos seus compositores (tipógrafos, artistas gráficos, ilustradores), com preocupações estéticas. O conteúdo dos manuais técnicos e teóricos criados por muitos destes profissionais ao longo da história revela essa preocupação.

Devido a sua forma e facilidade de manuseio, acreditava-se que, depois da invenção de Gutenberg, o *códice* – grupo de folhas de pergaminho manuscritas, unidas, numa espécie de livro, por cadarços e/ou cozedura e encadernação Material que podemos dizer ser o antepassado imediato do livro (MARTINS, 1998, p. 68) – jamais perderia seu espaço conquistado durante séculos, principalmente quando lembramos que ele surge como um suporte para escrita. O desenvolvimento da impressão manteve-se, através dos anos, praticamente igual a dos tempos de Gutenberg. Algumas poucas inovações foram acrescentadas, como a impressão *offset*, por exemplo.

O livro impresso tem sido um dos meios mais poderosos para a disseminação de ideias e mudou o curso do desenvolvimento intelectual, cultural e econômico da humanidade. Pode-se ter uma medida dessa influência apenas considerando-se alguns deles: a *Bíblia*, o *Corão* e o *Quantations from chairman Mao Zedong* (o famoso *Pequeno livro vermelho de Mao Tsé-tung*) (HASLAM, 2007). Tais livros são conhecidos globalmente, suas ideias e seus autores podem

ter sido tanto reverenciados quanto denegridos, entretanto, sem o trabalho de profissionais que sempre são esquecidos – o designer e o impressor de livros – a influência das ideias contidas nessas obras, provavelmente, teria sido transitória.

O desenvolvimento tecnológico após os anos 1950 reconfigurou a produção de livros, hoje totalmente atrelada às novas tecnologias. Todo o processamento de texto, correção, tratamento de imagens, diagramação, formatação, arte-finalização de miolo e capa, dá-se por meio digital (HASLAM, 2007). Muitos livros já são também impressos por processos digitais e não mais pelos processos convencionais, saindo da tela para o papel sem o envolvimento de outros processos analógicos. Essas possibilidades tecnológicas e as novas relações estabelecidas entre o usuário e a informação também influenciam a linguagem do design de livros.

Indo ao encontro das décadas de 1960 a 1980, o evidente crescimento conceitual na prática artística neste intervalo fez com que a concepção teórica do campo da intermídia passasse a ser o lugar por excelência da especulação teórico-prática. O interesse dos artistas em sair do espaço institucionalizado levou-os a pensar no espaço para “além do cubo branco”, ou seja, para um ponto que ultrapassa as paredes tradicionais dos museus e galerias dedicados à arte moderna, em direção a um lugar que pode ser buscado no espaço público ou no espaço das publicações eventuais ou periódicas (SILVEIRA, 2001). Talvez por isso, principalmente a partir dos anos 1960, é que o livro tenha sido escolhido como forma de romper barreiras e ultrapassar as fronteiras da modernidade, sendo usado como suporte da arte e dando origem ao livro de artista.

Nas manifestações artísticas contemporâneas o formato livro de artista se apresenta como um substituto possível às paredes dos museus, dos salões e das galerias e, por ser uma mídia móvel, passou a ter uma função mais abrangente no que se refere à apresentação pública.

Livro de artista é o “livro em que o artista é o autor” (SILVEIRA, 2001, p. 47). A categoria dos livros de artista inclui os livros-objetos, os livros-obras e livros que são apenas livros. Em todos os casos podem ser únicos, com características fortemente matéricas ou escultóricas, passando por materiais realizados artesanalmente em pequenas tiragens, múltiplos publicados manual ou industrialmente, até livros totalmente industriais construídos visualmente com o conceito de livros de artista (Silveira, 2001). As fronteiras entre um tipo ou outro de livro são fluidas e imprecisas.

Pelos seus insumos materiais e pela sua variedade temática, ela é uma categoria mestiça, instaurada a *posteriori* a partir da aproximação de objetos gráficos de leitura. É uma categoria definida por sua mídia e não por sua técnica. Ela abarca desde o livro até o não-livro (SILVEIRA, 2001, p.16).

Sobre formato, o livro de artista assumiu, no decorrer do tempo, os mais diversos: códice, rolo, sanfona, caixa, envelope com folhas soltas, pasta de arquivamentos, caderno, etc, tornando-se extremamente difícil encaixá-los em sua forma e plasticidade dentro de uma mesma categoria artística. Por tal motivo, usa-se o recurso de uma série de classificações, tais como livro de arte, livro de artista, livro-obra, livro-objeto, livro-poema, poema-livro, etc. (SILVEIRA, 2001).

Para este estudo, adotamos a terminologia *livro de artista* justificando a escolha por considerar que a expressão não restringe essa nova categoria artística, possibilitando abordar os diversos formatos oferecidos e não se limitando ao formato tradicional do livro. Além de englobar todas as classificações encontradas até o momento permite uma melhor desenvoltura para o trabalho.

Os livros de artista contemporâneos se dispõem a “trabalhar o sistema”, usando meios convencionais para fins alternativos. Exploram uma infinidade de

opções de produção para uma variada gama de objetivos, sejam eles puramente formais, altamente conceituais, documentais, poéticos ou ativistas (Lupton 2008). O que surpreende em um livro de artista é a união, nele, entre forma e ideia, e a noção de que um determinado conteúdo é assumido por uma expressão, tornando-a concreta.

Estes livros transmitem aos leitores as características singulares deste objeto, como a intimidade física e a característica tátil, sequencial, ritmada, a tipografia e relações entre texto e imagem, bem como entre as imagens. Como diz Lupton (2008, p. 163) “o livro não é um mero mecanismo de entrega, mas um meio por si só, intrigado por sua fusão de arte e códice em um gênero que se recusa a ser qualquer um dos dois”.

4. CONCLUSÕES

A soma da potencialidade do conjunto livro com suas infinitas possibilidades criativas é o que nos leva a crer que, mesmo na contemporaneidade e com o avanço do mundo digital, este objeto gráfico – enquanto espaço de criação – ainda tem muito a ser explorado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II: como criar e produzir livros**. São Paulo: Rosari, 2007.
- LUPTON, Ellen. **A Produção de um livro independente**. São Paulo: Rosari, 2011.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 1998.
- SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2011.